



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AO 3º GRUPO DE BISPOS DAS FILIPINAS EM VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"

Terça-feira, 11 de Fevereiro de 1997

Prezados Irmãos Bispos

1. No amor de nosso Salvador Jesus Cristo, dou-vos as boas-vindas, componentes do terceiro grupo de Bispos filipinos nesta série de visitas «*ad Limina*», realizadas pela vossa Conferência. Aproveito a ocasião da presença do Cardeal Sin para evocar, mais uma vez, com profundo sentido de gratidão os extraordinários acontecimentos de Janeiro de 1995. A magnífica resposta de um número tão elevado de jovens no *Dia Mundial da Juventude* e a alegria da comemoração do IV Centenário da Arquidiocese de Manila e das ex-Dioceses sufragâneas de Cebu, Caceres e Nova Segóvia constituem um momento precioso do meu ministério peregrinante. Aqueles dias maravilhosos que transcorri em Manila confirmaram a minha esperança no que se refere à propagação da luz do Evangelho no próximo Milénio, no continente asiático.

Mediante a intercessão dos Apóstolos Pedro e Paulo, cujo testemunho santificou esta Sé de Roma, rezo para que a comunidade católica das Filipinas esteja sempre consciente da importante «vocação missionária» que o Senhor vos concedeu e para a qual o Espírito Santo vos está a preparar desde a primeira evangelização das vossas Ilhas. Esta vocação confere-vos uma grande responsabilidade e uma especial dignidade. Apresenta exigências práticas ao vosso próprio ministério episcopal, que inclui uma aplicação generosa das Normas que a Congregação para o Clero publicou sobre a colaboração entre as Igrejas particulares e a melhor distribuição do Clero (cf. *Postquam Apostoli* [25 de Março de 1980]: AAS 72 [1980], pp. 343-364; *Redemptoris missio*, 64).

2. Como já mencionei durante os meus outros encontros com os membros da vossa Conferência, os desafios que se apresentam à Igreja nas Filipinas são verdadeiramente enormes. Exigem de vós uma confiança absoluta no Senhor e uma catequese sistemática a todos os níveis da vida da Igreja. Orientados pela vossa «sã doutrina» (2 *Tim.* 4, 3), os católicos filipinos devem ser capazes de aplicar a «palavra da fé» (*Rm.* 10, 8) às situações concretas em que vivem o

chamamento universal à santidade. Na Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, exortei os Bispos a alimentarem nas suas Dioceses «uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na actividade as pessoas, os meios, os instrumentos e também os recursos financeiros necessários» (n. 63). Renovo este apelo, de maneira especial com relação às duas áreas cruciais e intimamente interligadas da vida pastoral: a família e a promoção da justiça social.

3. Efectivamente, a salvaguarda e a promoção da família, núcleo de cada sociedade, constituem uma tarefa preeminente que incumbe sobre todas as pessoas empenhadas na busca do bem-estar social e da justiça. Durante o meu Pontificado, procurei explicar que «pela (família) passa a principal corrente da civilização do amor, que lá encontra as suas “bases sociais”» (*Carta às Famílias*, 15). Compete em primeiro lugar a vós, Bispos, forjar a consciência dos fiéis, em conformidade com o ensinamento da Igreja, a fim de que os leigos em particular possam trabalhar de maneira eficaz em prol da introdução das políticas públicas que hão-de fortalecer a vida familiar. A vossa Conferência tem-se pronunciado com muita frequência sobre este tema, recordando que a política familiar deve constituir o fundamento e a força-motriz de todas as políticas sociais. Neste sentido, o Estado, que por sua própria natureza está ordenado para o bem comum, deve defender a família, respeitando a sua estrutura natural e os seus direitos inalienáveis. Os fiéis leigos, especialmente mediante as organizações e associações familiares, devem ser encorajados a continuar a promover as instituições sociais, as legislações civis e as políticas nacionais que tutelam os direitos e as responsabilidades familiares (cf. *Familiaris consortio*, 44).

Também a economia tem um papel vital a desempenhar para assegurar o fortalecimento da família. Uma das principais críticas que os Pastores da Igreja devem fazer ao actual sistema sócio-económico, compreendido como a subordinação de quase todos os outros valores às forças do mercado, é que geralmente se ignora a dimensão familiar do contrato de trabalho. Tal sistema tem em pouca conta, ou não considera de modo algum, o salário familiar. Como a maioria das sociedades está distante daquilo que a Igreja prega: «Uma justa remuneração do trabalho das pessoas adultas que têm responsabilidades de família é aquela que seja suficiente para fundar e manter dignamente uma família e para assegurar o seu futuro» (*Laborem exercens*, 19)! Legisladores, líderes dos negócios, da indústria e do trabalho, educadores, operadores no campo dos mass media e famílias em geral, todos devem ser encorajados a instaurar de novo uma economia centrada na família, fundamentada sobre princípios de subsidiariedade e solidariedade. A verdadeira justiça social passa pelo caminho da família! É também com este conceito no pensamento que estarei presente na celebração do *Dia Internacional da Família* no Rio de Janeiro, no próximo mês de Outubro.

4. Nas Filipinas, assim como em muitas partes do mundo, a família é como uma janela aberta para uma sociedade que sofre as tensões da transição de um modelo de vida tradicional para um estilo caracterizado pelos crescentes individualismo e fragmentação. Nesta transição, as verdades morais e religiosas, que deveriam apoiar e orientar os indivíduos e a sociedade, são com muita frequência ignoradas ou rejeitadas, a ponto de determinados comportamentos, antes considerados totalmente injustos, serem aceites social e legalmente e até mesmo promovidos como «direitos». Neste caso, o antídoto mais eficaz serão os esforços dos agentes pastorais competentes, que trabalham com perseverança e iniciativa através da catequese, de grupos de apoio à família e dos meios de comunicação social. Quando a verdade e o significado da sexualidade humana são debilitados por uma mentalidade secularista, a Igreja deve ensinar e promover cada vez mais o desígnio sábio e amoroso de Deus para o amor conjugal. Quando a «vida social se aventura pelas areias movediças de um relativismo total» (*Evangelium vitae*, 20), o cuidado moral e espiritual

da família torna-se um desafio que não pode ser ignorado: ele praticamente define a missão pastoral da Igreja. Neste ano em que se comemora o centenário do nascimento do meu venerado Predecessor, Papa Paulo VI, desejo reiterar o seu premente apelo dirigido a todos os Bispos: «Trabalhai com afinco e sem tréguas na salvaguarda e na santificação do matrimónio, para que ele seja sempre, cada vez mais, vivido em toda a sua plenitude humana e cristã. Considerai esta missão como uma das vossas responsabilidades mais urgentes na hora actual» (*Humanae vitae*, 30).

5. Os esforços pastorais têm principalmente em vista a maioria dos fiéis que lutam todos os dias para viver segundo as exigências da sua dignidade cristã no matrimónio e na família. A actual tendência a considerar os casos difíceis e as categorias especiais, não deveria impedir os Pastores da Igreja de prestarem a devida atenção às necessidades das famílias normais. Eles têm em consideração a sua orientação espiritual para a promoção da sã doutrina, a graça dos sacramentos e a empatia humana que há-de sustentá-las na missão nada fácil de ser uma verdadeira «Igreja doméstica», a primeira comunidade a ser evangelizada de modo a poder ser, por sua vez, o evangelizador próximo e imediato dos seus membros. Os jovens casais que se preparam para o matrimónio têm necessidade de ser ajudados a compreender que o casamento e a família se fundamentam sobre responsabilidades livremente assumidas perante Deus, diante do próprio parceiro, dos filhos envolvidos, da sociedade e da Igreja. Os vínculos forjados entre aqueles que se tornam «uma só carne» (*Gn. 2, 24*) exigem comunhão e fidelidade permanentes. Felizmente, nas vossas Dioceses podeis contar com muitos grupos e associações que ajudam a família a viver a sua vocação como comunidade de amor, escola de humanidade e santuário de vida. A vossa *Comissão Episcopal sobre a Vida Familiar* também prodigaliza indefessamente os próprios esforços para coordenar as tarefas pastorais neste campo.

Prezados Irmãos, a nossa missão profética como arautos da «verdade do Evangelho» (*Gál. 2, 14*) exige que proclamemos vigorosa e persuasivamente o ensinamento da Igreja acerca da transmissão responsável da vida humana. Isto requer um esforço concertado para ajudar os fiéis a compreenderem de maneira mais clarividente que a realização conjugal está vinculada ao respeito pelo significado e finalidade intrínsecos da sexualidade humana. Encorajo-vos com afecto a continuar as iniciativas já empreendidas, tendo em vista aperfeiçoar a preparação para o matrimónio e implementar o ensinamento dos métodos naturais de regulação da fertilidade. As tradições culturais e religiosas do vosso povo, que valoriza a vida e a liberdade, deveria ajudá-lo a opor-se às medidas tomadas contra a vida: aborto, esterilização e contracepção. A Igreja anuncia o Evangelho da vida, uma visão plenamente positiva da existência humana, contrária ao pessimismo e ao egoísmo daqueles que maquinam contra o esplendor da sexualidade humana e da vida do homem (cf. *II Conselho Plenário das Filipinas, Documento conciliar*, n. 585).

6. Uma evangelização mais profunda do Povo de Deus exige que lanceis a luz penetrante do Evangelho sobre todas as situações e circunstâncias que impedem o crescimento do Reino cristão da verdade e da vida, da santidade e da graça, da justiça, do amor e da paz (cf. *Prefácio da festa de Cristo Rei*). Todos nós estamos conscientes das dificuldades que se apresentam à proclamação da justiça social, de maneira muito especial quando se trata de abordar questões profundamente arraigadas nas estruturas sociais e nos costumes culturais tradicionais. A opção preferencial pelos pobres é com frequência interpretada de maneira errónea, dando por vezes origem a tensões entre a Igreja e alguns sectores da sociedade que requerem um diálogo construtivo, no interesse do bem comum. Provais que sois Pastores segundo o coração do próprio Senhor (cf. *Jer. 3, 15*) quando dedicais a vossa inteligência, capacidades pastorais e criatividade à promoção de uma visão do homem — de cada ser humano — que corresponda plenamente à dignidade humana, como foi revelada por Cristo. O vosso empenho no ensinamento social não

é uma solicitude meramente humanitária: a fome e a sede de justiça devem ser saciadas de modo constante pela oração e pela adoração litúrgica. Mediante a união com Cristo, os batizados são transformados pela graça para o serviço da caridade; no Altar, recebem a força para perseverarem no serviço da justiça (cf. *Sollicitudo rei socialis*, 48). O *II Conselho Plenário das Filipinas* justamente chamou a atenção para a íntima ligação entre a vida da fé e o trabalho da justiça: «O apostolado social deve receber de modo incessante um sólido fundamento religioso, mediante a catequese e o vínculo orgânico ao culto» (*Decretos*, artigo 20 § 3). Por conseguinte, encorajo-vos a continuar, com sabedoria e coragem, a guiar e iluminar os fiéis e de facto toda a sociedade, tendo em consideração as bases morais e éticas de uma coexistência justa e humana.

7. Estimados Irmãos no Senhor, no Cenáculo o Senhor Jesus convidou os discípulos a serem seus amigos, a perseverarem na comunhão amorosa com Ele (cf. *Jo.* 15, 13-14) e a selarem esta intimidade com o dom da Eucaristia. Agora estais celebrando o Ano eucarístico, por vós inaugurado por ocasião do V Congresso Eucarístico Nacional, sobre o tema *Eucaristia e Liberdade*. É o próprio Senhor eucarístico que vos acompanha, Sucessores dos Apóstolos, no vosso ministério quotidiano. Pensando na vossa labuta diária ao serviço do Evangelho, exorto-vos com as palavras de Santo Inácio de Antioquia: «Suportai todos, assim como o Senhor vos suporta a vós. Sede pacientes, repletos de caridade, como de facto o sois. Consagrai-vos incessantemente à oração; implorai um acréscimo de compreensão; vigiai sem deixar que o vosso espírito desvaneça» (*Carta a Policarpo*, 1: 2). Neste espírito, uno-me a vós confiando o nosso Irmão, Bispo Benjamin de Jesus, Vigário Apostólico de Jolo, ao eterno amor do nosso Pai celestial. Juntamente convosco, invoco a paz de Deus sobre toda a região meridional do vosso País. Rezo a fim de que, enquanto a Igreja filipina se prepara para o Terceiro Milénio, a intercessão de Maria, Mãe do Redentor, obtenha para vós e para os sacerdotes, religiosos e fiéis leigos a participação na Sua fé inquebrantável, na Sua esperança constante e no Seu amor fervoroso. Com a minha Bênção Apostólica.